Acervo ISA

Voz da terra

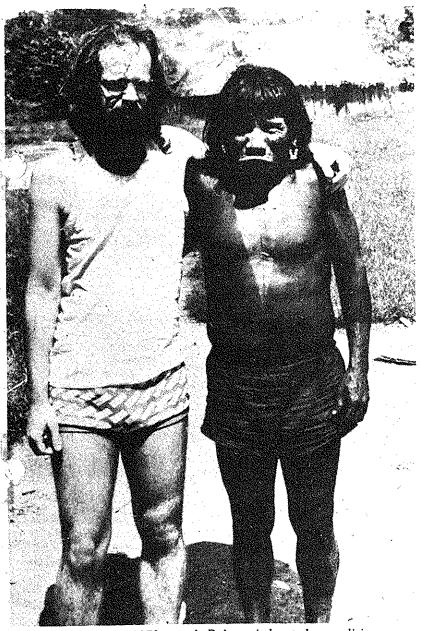
13.12.83

RIR, A

Hoje faz 1.711 días que as ohras do Hospital Distrital estão paralisadas.

NQ 4.593

ASSIS - SÃO PAULO ANO XXI



No Xingu, em 1978, quando Rubens ainda estudava medicina.

O primeiro aniversário da morte do médico que queria ser índio

Nesta edição, Voz da Terra presta uma oportuna homenagem a um jovem que viveu apenas 30 anos, e que fez de sua curta vida um reluzente exemplo de amor e respeito. Era médico. Morou em Assis, onde frequentou o pré-primário, o 1º ano primário, parte do ginásio e do colegial. Seu nome era Rubens Belluzzo Brando. Alguns dos muitos amigos dizem que, quando garoto, ele queria ser índio. Depois de formado, não abandonou de todo essa fantasia e afundou-se pelas matas do Amazonas para vacinar e curar as desamnaradas populações indígenas

desamparadas populações indígenas.

Amanhã faz um ano que Rubão faleceu, vítima de um brutal acidente quando retornava de mais uma campanha de vacinação entre os índios Yanomami, na fronteira com a Venezuela. Agora, passado um ano, outro médico, José Norton, vereador, presta significativa homenagem ao doutor Rubens Brando, dando seu nome à uma rua na Vila Aeroporto. Aliás, neste ano que passou, muitas homenagens foram dedicadas a ele. Sua eficiência profissional, seu respeito inflexível e permanente pelos costumes e pelas tradições indígenas fizeram desse jovem médico um homem respeitado e amado pelos antropólogos e indigenistas do Brasil e de outras nações, como se verá na reportagem da página 4.

Rubão, a saudade um ano depois

Amanhã faz um ano que Rubens Brando morreu. Tinha 30 anos. Seu respeito

e sua dedicação pelos índios fizeram dele um médico

respeitado e amado por antropólogos e indigenistas de todo o mundo.

Por: Júlio Cesar Garcia

Quando soube que o médico assisense Rubens Belluzzo Brando havia sofrido um acidente fatal nos confins do Amazonas, na divisa com a Venezuela, região dos índios Yanomami, a antropóloga Manuela Carneiro da Cunha, doutora pela Universidade de Campinas, escreveu:

"Era um amigo verdadeiro e íntegro. Uma pessoa rara e muito preciosa. Antes de o conhecer, eu já sabia daquele médico que tinha falado ao coração dos Xavantes. Entendi por que, quando o vi: todos sabemos reconhecer um homem límeido. um homem bom. Na Comissão Pró-Índio de São Paulo, de que foi um dos fundadores e vice-presidente, ele era um pouco a consciência de todos, e eu me sentia reconfortada em saber que uma pessoa como ele estava conosco. Em saber que existia, porque Rubão foi um justo".

Amanhã, 14 de dezembro, faz um ano que Rubens Brando tombou numa tocaia da fatalidade

"O médico que queria ser índio".

Rubão voltava de uma campanha de vacinação na região do Surucucu, quando o helicóptero da Funai acusou uma pane, perdeu altura e enroscou-se na galhada das árvores. Houve início de pânico entre os poucos tripulantes. Enquanto o piloto tentava reativar o motor, Rubens ajudou seus companheiros a descerem pelos galhos. Em seguida, ele proprio tentou abandonar o helicoptero. Foi então que aconteceu: o piloto conseguiu ligar o motor e a hélice atingiu o médico. Há quem diga que não havia árvores no local, mas apenas os troncos retorcidos, calcinados, de uma pista de pouso inacabada. Pouco importam os desencontros dos detalhes, Infortunadamente, em nenhuma das versões o desfecho é menos rude.

Alguns jornais de São Paulo e várias revistas e boletins internacionais registraram com destaque o acidente. O Jornal da Tarde, da capital, dedicou uma página inteira ao fato, sob o título: "A morte de Rubão, o médico que queria ser índio". No entanto, um ano e meio antes desse acidente estúpido, o mesmo Jornal da Tarde (5-6-1981) havia publicado outra reportagem de página inteira sobre o trabalho que Rubens Brando ajudava a implantar naquela região. O título da matéria era: "Odisséia: A Vacinação dos Yanomamis". E iniciava-se exatamente assim:

"Foram mais de cem dias de isolamento, de convívio sem tréguas com os perigos e os rigores da região amazônica. A pequena expedição — formada por dois médicos sanitaristas, Rubens Brando e Francisco Pascalichio, e a indigenista e fotógrafa Cláudia Andujar — não se deteve nem com as chuvas pesadas e duradouras que caem todo dia nessa época do

BIOGRAFIA

Vida breve,

vida intensa

O casal dr. Newton Brando e d. Cida

tiveram cinco filhos: Rubens, Bia (Bea-

triz), Rafael, Inês e Fábio. Rubens

Brando nasceu em São Paulo, no dia 12

de maio de 1952. Em 1954, mudou-se

com a família para Assis. Em 1958, fez o jardim-de-infância no SESC, na rua Flo-

riano Peixoto. No ano seguinte iniciou o

primário no Diocesano. Em 1960 voltou

para São Paulo onde ele cursaria até a se-

gunda série. Em 1965, a família retorna a

Assis e Rubens frequenta o Instituto de

Educação (onde termina o ginasial) e o

Diocesano até o segundo colegial. O últi-

mo ano do colégio ele tez nos Estados

Unidos. Uma hepatite que se agrava taz

com que ele perca dois anos de estudos,

em 1970 e 71. Em 1972 faz cursinho e

em 73 inicia medicina na Escola Paulista.

Forma-se médico en 1978. Durante os

quatro anos de graduação, participa ati-

vamenté do programa desenvolvido pela

escola no Parque Nacional do Xingu,

tendo visitado a área várias vezes, colabo-

rando com pesquisas científicas, progra-

mas de vacinação e assistência médica.

Em 1978, numa tentativa de ampliação

do programa da Paulista, esteve nas re-

servas indígenas Xavante de Areões e

Coluene. Em 1979, ingressa na Faculda-

de de Medicina de Botucatu, como mé-

dico residente do Departamento de Medi-

cina em Saúde Pública e, nesse mesmo

ano, faz o curso de médico sanitarista

promovido pela Faculdade de Saúde Pú-

blica da USP. No primeiro semestre do

ano seguinte, realiza o Diagnóstico de

Saude de Populações Indigenas do Inte-

ano, com a precisão de um relógio, nem com a dificuldade de vencer as distâncias enormes que separam as aldeias de 10 mil índios Yanomami espalhadas numa área de mais de 6 milhões de hectares".

A reportagem do JT, longa, ilustrada com uma bela foto feita pela Cláudia, registrou o verdadeiro sentido daquele desafio:

"Andando pela floresta intrincada, seguindo por rios encachoeirados em barcos indígenas ou voando em pequenos aviões, eles tinham de fazer chegar a seu destino a carga que conduziam. Era uma promessa de vida para o novo Yanomami: centenas de ampolas com vacinas contra sarampo, doença que já se está espalhando entre a população indígena de Roraima e do norte do Amazonas".

Nessa missão, Rubão passou o Natal de 1980. Dela resultou o importante Relatório Yanomami, Situação de Contato e Saúde que deu maior fôlego à luta pela vacinação constante das populações indígenas da região e pela criação do Parque Yanomami.

Um ano depois sem substituto

A morte, no dia 14 de dezembro de 1982, pouco antes do meio-dia, encontrou o doutor Rubens voltando da 6ª Campanha de Vacinação dos Yanomami. Indigenistas e antropólogos atingidos pela notícia não tiveram como se esquivar de uma conclusão arrasadora:

"Teremos de começar tudo de novo" afirmou Cláudia Andujar, na semana seguinte à morte dele. — "Poucas pessoas querem ir trabalhar naquela região e não têm a coragem do Rubão, nem são tão preparadas".

Para os reporteres que a entrevistaram em São Paulo Cláudia testemunhou que Rubens Brando era o elemento que injetava ânimo no grupo, que convivencia a todos de que deviam continuar ainda que as adversidades fossem insuportáveis. Essa fotógrafa, com vários prêmios internacionais - e indigenista reconhecida pela comunidade acadêmica internacional -, revelou ainda que "o respeito do Rubens pelos hábitos culturais era tão grande que, certa vez, levou o corpo de um índio, falecido na cidade, por uma longa distância até um outro Yanomami, para que este o cremasse, de acordo com a tradição tribal e, assim, pudesse entregar as cinzas à família". Esse respeito fica evidente ainda nas muitas cartas que escreveu e alguns amigos — das quais publicamos trechos nesta página. Ém uma das cartas, por exemplo, ele conta o desprezo de um atendente de hospital que cortou o fio colorido com que o índio havia envolvido seu órgão sexual segundo os costumes da sua tribo. E Rubens concluía: "Hoje senti bem o desprezo que se tem aqui para com os índios ditos primitivos. Amarguei um

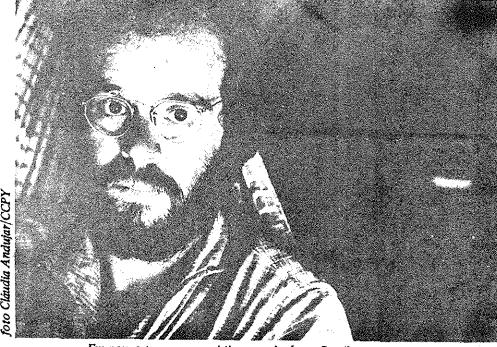
Essa sua postura inflexível de respeito aos costumes indígenas ultrapassou fronteiras. E de Copenhague, capital da Dinamarca, veio um artigo de Helge Kleivan, publicado em março de 1983, no Boletim do Grupo Internacional de Trabalho sobre Assuntos Indígenas (IWGIA). O texto é, antes, um apelo para que outros médicos retomem o trabalho que a morte interrompeu: "Sei como todos sabemos, que sua morte é uma perda irreparável para a causa indígena" — escreveu Helge Kleivan: "Mas, também sei que há somente uma forma de honrar este inesquecível ser humano, o Rubão, e é dando a máxima prioridade possível à continuação do seu leal trabalho entre os Yanomami".

Um ano depois do acidente, ao receber o repórter de Voz da Terra em seu apartamento na capital paulista, Cláudia Andujar, que também dirige a Comissão pela Criação do Parque Yanomami, confessou: "Até hoje não consegui outro médico brasileiro para substituir o Rubens. Atualmente estamos aguardando os entendimentos de um grupo de médicos franceses, da organização Médicins du Monde, com a Funai, para continuar o trabalho". Mas ela adianta que mesmo que se venha a confirmar a colaboração dos médicos franceses, continuará buscando outros substitutos para Rubens entre os sanitaristas brasileiros.

Entre as homenagens o nome a uma rua

Foram inúmeras as homenagens póstumas dedicadas a ele ao longo deste ano. Além de várias publicações que estamparam fotos e biografia, também o filme Povo do Sangue, Povo da Lua, de Manoel Tassara, da Universidade de S. Paulo, foi dedicado a ele. O Sesc-Pompéia, importante centro de lazer e arte da capital, promoveu uma exposição de fotos e trechos das belas cartas que ele escrevia aos amigos e à sua mulher Renée, antes de ela ir para Roraima com ele. Essa mesma exposição foi montada em Assis, no aniversário da cidade, pelo fotógrafo Marcos Santilli que a organizara na capital com Claudia Andujar. Na Camara Federal, em Brasilia, o deputado Márcio Santilli dedicou a Rubens um discurso seu em defesa da demarcação das terras indígenas e pela reestruturação e desmilitarização da Funai. "Na sua pessoa — ressaltou o de-putado — quero homenagear a todos os brancos que tiveram a coragem de colocar-se do lado certo, ao lado da Justiça ao lado das nações indígenas do nosso Brasil".

Agora, a Câmara Municipal de Assis está anunciando que Rubens Brando reberá nova homenagem da cidade onde deixou inúmeros amigos, e de onde saiu para aprender a medicina que colocaria a serviço dos índios: uma rua vai ter seu nome.

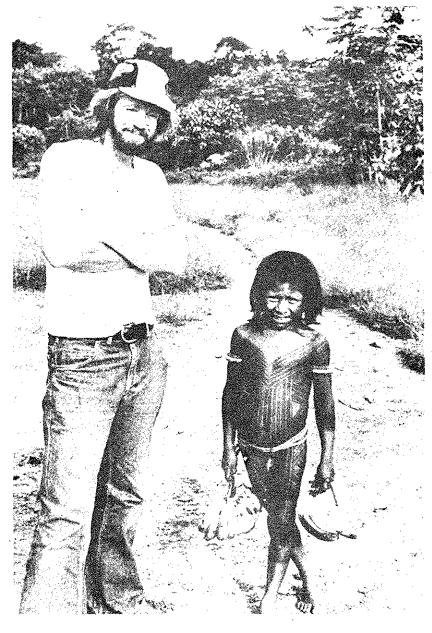


Em pouco tempo, um médico respeitado no Brasil e no exterior.

rior do Estado de São Paulo, tendo permanecido vários meses nas reservas indígenas de Araribá, Vanuíre e Icatu. Em junho de 1980, como vice-presidente da Comissão Pro-Índio de São Paulo, coordena a mesa-redonda "Medicina em Áreas Indígenas" na 32ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). A partir de 1980, exerce a consultoria para assuntos de saúde da série de 18 volumes intitulada Povos Indígenas no Brasil, que está sendo publicada pelo Centro Ecumênico de Documentação Indigenista (CEDI).

Ainda vinculado à residência médica em Botucatu, faz sua primeira viagem à área Yanomami para levantamento dos dados que culminaram no Relatório Yanomami 82: Situação de Contato e Saúde

(CCPY). Em agosto e setembro de 1982 esteve novamente na região para auxiliar no atendimento aos surtos de sarampo e coqueluche, ocasião em que escreve Investigação Epidemiológica Sobre Surtos de Sarampo e Coqueluche entre os Yanomami e Sugestões referentes à Implantação de Estrutura Assistencial na Área. Em 1982, ainda, enquanto estagiário do Hospital Vital Brasil/Instituto Butanta, publica juntamente com João Luiz Costa Cardoso a obra Acidentes por Animais Peçonhentos. Em meados desse ano foi contratado pela Fundação Nacional do Indio (Funai), para trabalhar junto à 10ª Delegacia Regional de Boa Vista, no Território de Roraima. Era casado com a desenhista de tecidos Renée Fourpome e, com ela, teve os filhos Maria (4 anos) e Fernando



As cartas da selva

Nestes trechos de cartas para amigos, Rubens se revelava por inteiro o homem que a amiga descreveu: "Um amigo verdadeiro e íntegro, uma pessoa rara e preciosa, um homem límpido e justo".

... "CRIANÇAS PÕEM O DEDO NOS MEUS ÓCULOS, GAFANHOTOS NA MINHA BOCA...

"Surucucu, 24/01/81

A paisagem é belíssima. Estamos na aldeia Aykantheri, na serra dos Surucucus. Quatro crianças não me deixam escrever. Ficam pondo o dedo nos meus óculos, me enfiam gafanhotos na boca, procuram piolho na minha cabeça, puxam minha caneta. É sempre assim. E como não falamos a mesma língua é fogo. Eles conversam com a gente, falam, falam.

A paisagem então é assim. Do topo deste morro, quatro malocas de pau e pa-lhas, avistam-se mais duas no topo do morro à direita. As vertentes de ambos os morros estão com as matas praticamente (voltaram as crianças) derrubadas (agora tiram meu dedo de cima do rabisco que fizeram - trouxeram outra para ver). Então, em volta tem as roças os paus caídos, mandiocas, banana, taioba, e cana, bastante cana. (...) Agora comecou a garoar. Está bem nublado, Incrível como de fato aqui no Surucucu faz frio. Na maloca com todas aquelas fogueiras nem tanto, mas no Posto não é facil. Levamos cinco horas, sobe e desce morro, no meio do mato, para chegar aqui, - população estimada em 150 pessoas, vacinamos 110. (...) À tardinha chegaram os caçadores - não conseguiram nada. Hoje cedo saíram outra vez. Não estão desnutridos, embora, de fato, proteína pareça mais difícil por aqui. Malária, é pouca, possivelmente devido à temperatura (varia entre 14 e 25 graus. Leishmaniose é que tem bastante - vimos uns 3 ou casos casos. No mais, é ferimento. Ah, pium, borrachudo tem também - estão inclusive me incomodando no momento. Vou voltar para a maloca".

..."JUNTO COMIGO, O JOVEM PAI CARREGANDO UM PEQUENO CAIXÃO"...

Roa Vista, 11/06/83

"A terra granulosa e colorida brilhava molhada pelas águas de banhos e cozinhas. O sol da tarde e nuvens carregadas de chuva ressaltavam a palha ainda verde que cobria um dos casebres da periferia de Boa Vista. Junto comigo o jovem pai, carregando um pequeno caixão revestido de pano rosa e tiras brancas grampeadas. Sobre a mesa, oito velas já se acabando e um pequeno embrulho coberto de panos. Crianças ao redor contribuíam para a pouca formalidade do ambiente. Ao levantar o guardanapo que lhe cobria o rosto, me assustei com a beleza da menina. Olhos semicerrados, fria (...). Pouco mais de um mês, mas com cabelos fartos, co-

mo são os índios. Parecia uma boneca. Procedente da Maloca do Ouro, faleceu de disenteria. Dos quatro que tiveram, este é o terceiro que se vai. Me incomoda perguntar o grau de instrução dos país para preencher o atestado de óbito".

..."HOJE SENTI BEM O DESPREZO AMARGUEI UM ÓDIO..."

Boa Vista, 29 de Junho de 1982. "Amigo João (João Luiz Costa Cardoso, com quem lançou a obra ("Acidentes por Animais Peçonhentos").

De manhã fui o Surucucu buscar um paciente e fiquei até há pouco com ele no hospital. O camarada levou uma bordunada no crânio que arrancou uma boa porção de periósteo (N. da R.: Membrana fibrosa que envolve os ossos).

Fraturou a calota, mas sem exposição de massa encefálica. Descorado e vomitando bastante. Ficou internado no hospital do Território. Seu adversário levou a pior: quatro bordunadas. Parece que arrancou o maxilar. Talvez já tenha morrido. Seu grupo fica longe. Não dá para ir buscar. Para este que veio, só de táxi-aéreo foi gasto Cr\$ 100 mil. No hospital o atendente cortou o cordão que amarra o pinto. Hoje senti bem o desprezo que se tem aqui para com os índios ditos primitivos. Amarguei um ódio..."

PARA AUTORIZAR A AMPUTAÇÃO, UMA CAIXA DE PILHAS EM TROCA

Boa Vista, 20 de novembro de 1982. (...) "Garoto de 12 anos, lá do Catrimani. Jararaca picou o pé, não procura-ram a Missão. Quando viram, no terceiro dia, já estava necrosado. Indicação segura de amputação. O cunhado acompanhante não deixou amputar de jeito nenhum. Internado no hospital, até a enfermagem se recusava a fazer curativo e médico não prescrevia. Levei para a Casa do Indio onde tenho feito curativos diários e acompanhado todo o processo. Há uma semana, acabei por amputar (desarticular e fraturar metatarsos) porção anterior do pé, regularizando um pouco mais a lesão. O cunhado, em troca, pois ele reconhece que estava podre e que ele consentiu, pede uma caixa de pilha em pagamento.

(...) A família vai bem. As crianças, principalmente Fernando, estão com diarréia que vai e volta há 3 semanas.(...) Tivemos uma cadela que morreu com disenteira. Temos outra, também que está cagando sangue, embora tenha melhorado com o soro que aplico. Qual é mesmo seu remédio mágico?

João, vou parando por aqui. Um grande abraço e espero que de certo de estar no Rio em fevereiro. Abraços para os companheiros.

Rubens."



Nas poucas horas de folga, cartas para amigos distantes.